

MULHERES “DE LETRAS”: ESCRITORAS AMAZONENSES NOS PERIÓDICOS LOCAIS DO INÍCIO DO SÉCULO XX E A SUBVERSÃO DE PAPÉIS DE GÊNERO PELA PUBLICAÇÃO

WOMEN “OF LETTERS”: AMAZON WRITERS IN LOCAL PERIODICALS AT THE BEGINNING OF THE 20TH CENTURY AND THE SUBVERSION OF GENDER ROLES THROUGH PUBLICATION

Bárbara Harianna Brito de Cabral (UFAM)¹

Maria Luiza Ugarte Pinheiro (UFAM)²

RESUMO: É comum encontramos em artigos de periódicos amazonenses do início do século XX a expressão “homens de letras”, que é atribuída a diversos tipos de atuações intelectuais desempenhadas por estes homens. Por exemplo, para se referir aos homens que frequentavam o salão do externato do colégio de Pedro II, ou aos dramaturgos e romancistas, ou quaisquer outros que pudessem utilizar de sua inteligência para desempenhar atividades e tarefas. Essa era inclusive a expressão usada para se referir aos homens que compunham a Sociedade Amazonense dos Homens de Letras, no início do século XX. Por esse motivo é que chamaremos as mulheres escritoras amazonenses de mulheres “de letras”. Trata-se de uma tentativa de retomada tardia de um título que por muito tempo elas não tiveram direito, ainda que utilizassem sua inteligência tanto quanto os homens para escrever e publicar seus escritos. Nesse processo de retomada, periódicos locais do Amazonas foram as fontes utilizadas para podermos fazer aqui a apresentação de algumas escritoras amazonenses que adentraram o espaço interdito da literatura e que transgrediram às expectativas em relação à escrita feminina, publicando suas obras mesmo que isso fosse desincentivado.

PALAVRAS-CHAVE: História das mulheres; Gênero; Escritoras; Literatura; Publicação.

ABSTRACT: The term "men of letters" frequently appears in early 20th-century Amazonian journal articles, denoting various intellectual pursuits undertaken by these individuals. This expression encompassed men frequenting the salon of the Pedro II college, playwrights, novelists, and others leveraging their intellect for diverse tasks. Notably, it referred to members of the Amazonian Society of Men of Letters in the early 1900s. Consequently, we adopt the term "women of letters" to refer to Amazonian female writers, seeking to reclaim a title long denied to them. Despite wielding their intelligence comparably to men in writing and publishing, they were excluded. Utilizing local Amazonian journals, this study introduces several Amazonian female writers who breached the prohibited realm of literature, surpassing societal expectations concerning female authorship. These women persisted in publishing their works, despite discouragement.

KEYWORDS: Women's History; Gender Studies; Writers; Literature; Publication.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (PPGH/UFAM). Professora de História da rede estadual de ensino do Amazonas (SEDUC/AM). E-mail: barbara.harianna@hotmail.com <http://lattes.cnpq.br/6517905305923498>

² Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (PPGH/UFAM). Graduada em História pela Universidade Federal do Amazonas (1988), mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996), doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001) e Pós-doutorado pela mesma instituição em (2017). E-mail: malu@ufam.edu.br <http://lattes.cnpq.br/6153623094043758>

INTRODUÇÃO

Utilizar a literatura como fonte pode ser importante para perceber aspectos da condição feminina no início do século XX. Segundo Tayassu (2015), a Literatura na História foi associada a uma das aventuras próprias ao Espírito e a uma experiência intelectual e atividade transcendental. Portanto, aventurar-se em tais caminhos literários foi por muito tempo uma ocupação, especialidade e profissão para homens, exclusivamente. Ainda assim, muitas mulheres ousaram escrever, e segundo Tayassu (2015), será uma escrita mais abrangente justamente por não depender do papel, nem de estatutos literários oficiais e por possuir seus clichês, etiquetas e categorias.

Partindo do princípio evidenciado por Tayassu (2015) de que a escrita feminina é marcada por diversos aspectos sociais que evidenciam as relações de gênero e de poder, se trata de importantes registros de como essas mulheres viveram em determinadas épocas. Por ser possível, através da escrita feminina, redescobrir as relações entre homens e mulheres ao longo da história, ela é reveladora da presença feminina no mundo.

Segundo Tayassu (2015), as primeiras escritoras brasileiras escreveram suas histórias de vida, memórias e sobre suas leituras de livros e poesias. Portanto, expressaram aspectos de sua biografia e de sua literatura poética e artística ainda que de forma incipiente pois não tinham espaço no mercado cultural do país, que se mostrava hostil às mulheres antes e depois da Primeira República. Portanto, descobrir mulheres que publicaram em jornais em Manaus no início do século XX é deparar-se com mulheres que estavam colocando-se enquanto escritoras, num período em que a ideia de valorizar o que era escrito por mulheres ainda estava se assentando.

Exemplos de vivências como estas, um tanto distantes do foco desta pesquisa, mas ainda assim relevantes, estão nas histórias de escritoras e artistas que viveram no início do século XX na França, apelidadas pela escritora brasileira Vange Leonel (2002) de “Sereias de River Gauche”³. Esse é o título da peça que Leonel (2002) escreveu sobre sete mulheres que viveram na River Gauche, em Paris, no ano de 1928. A peça fala sobre a vivência afetiva e sexual dessas mulheres que se relacionaram com mulheres, e que viveram em Paris no início do século XX. As sete personagens da peça de Leonel realmente existiram, e eram artistas de diferentes expressões. Para Leonel (2002), cada uma delas abordou suas vivências enquanto

³ Segundo Leonel (2002), o título da peça faz referência ao fato de que “as duas personagens principais, Djuna Barnes e Natalie Barney, usavam a imagem da sereia como metáfora para as lésbicas, como alusão a uma ambiguidade sexual e sua capacidade de escapar às definições” (Leonel, 2002, p. 9).

mulheres lésbicas em suas expressões artísticas, tentando apreender os modos, meios e motivações desse tipo de afeto entre mulheres.

O que é interessante sobre as sereias da River Gauche é justamente perceber o círculo de apoio entre mulheres artistas que acabou se formando, principalmente em torno de Natalie Barney⁴. Barney era admiradora da poeta Safo e segundo Leonel (2002) traduziu seus poemas diretamente do grego e chegou até mesmo a se mudar para a ilha de Lesbos com sua amante, a poeta Renée Vivien. Apesar de também ter sido escritora, a sua fama de *salonnière* foi a que marcou sua trajetória e que a deixou conhecida também como “A Safo de Paris”. Ainda segundo Leonel (2002), entre os convidados de Barney nos mais de sessenta anos em que foi anfitriã de salões em sua casa às sextas-feiras, destacam-se membros da alta nobreza, cortesãs, americanos, franceses, artistas célebres, e homens e mulheres hétero e homossexuais. Um grupo seleto de maioria de mulheres lésbicas e bissexuais eram mais próximas a Barney, e são elas que se tornam personagens na peça de Leonel (2002). São elas: a própria Natalia Barney; a escritora americana Djuna Barnes e sua amante Thelma Wood; a escritora Radclyffe Hall e sua companheira Lady Una Troubridge, e duas das amantes de Barney: Dolly Wilde, sobrinha do escritor Oscar Wilde - de quem Barney era fã e admiradora tanto por suas obras quanto por seu estilo de vida - e a pintora Romaine Brooks.

Em determinado momento, Natalie Barney e uma de suas amigas próximas, a escritora Collette, começaram a organizar salões exclusivos para mulheres. Segundo Leonel (2002), isso acontece como resposta e protesto à proibição de mulheres na Academia Francesa de Letras. Nesses espaços que foram batizados por elas de Academia de Mulheres, escritoras se reuniam para promover, discutir e facilitar a publicação de livros umas das outras, como imaginavam que acontecia na escola de Safo de Lesbos. E tal como diz-se que aconteceu na ilha de Lesbos, nesses espaços essas mulheres podiam também vivenciar suas afetividades e sexualidades enquanto mulheres que se interessavam por mulheres de diferentes formas.

Esse tipo de espaço criado por ousadas mulheres são verdadeiras teias de afeto e solidariedade entre mulheres que desviavam às normas e que ousaram publicar, num momento em que a escrita era admitida para mulheres, mas não era incentivada a se tornar pública. Os registros das vivências dessas mulheres artistas e das redes de apoio, incentivo e

⁴ Leonel (2002) afirma que durante mais de cinquenta anos Barney foi uma *salonnière*, e reuniu artistas em sua casa na rua Jacob, no coração da River Gauche, parte sul da cidade de Paris. Leonel (2002) afirma que Barney, que nasceu nos Estados Unidos e foi morar em Paris depois dos vinte anos, relacionava-se amorosamente com mulheres e nunca escondeu isso. A autora supõe que tal liberdade adveio do fato de Barney ser herdeira de uma enorme fortuna.

até mesmo financiamento que criaram, permitiu não só que elas exercessem profissões que a sociedade em geral não lhes encorajava como também permitiu que elas vivessem suas experiências pessoais de comportamento e sexualidade. É um exemplo próspero de como determinadas profissões podem permitir que mulheres subvertam normas e papéis sociais de gênero.

Observa-se que os registros literários foram as principais fontes de Vange Leonel para retomar a vivência dessas mulheres a partir do que elas próprias escreveram sobre isso então escrever uma peça sobre a história delas. Isso demonstra que é preciso considerar que apesar de poucos em quantidade e mais escasso ainda em análises ou registros historiográficos, obras literárias de mulheres amazonenses do início do século XX podem ser importantes para investigar a época em que foram produzidas, assim como para retomar vestígios de suas trajetórias pessoais. Segundo Michelle Perrot (2007) a escrita foi uma das primeiras atividades que permitiu o acesso das mulheres aos espaços públicos, principalmente através da publicação desses escritos. Isso porque, assim como a pintura, a escrita era uma prática suscetível ao espaço domiciliar, e até então, neste início do século XX, o lugar da mulher era bem delimitado no espaço doméstico.

O século XIX, considerado o século do romance, é também o século em que aconteceu uma mudança no público leitor fazendo com que ele se torne muito maior e passe a ser constituído em grande parte de mulheres burguesas. Segundo Telles (2000) esse contexto é também o que redefine o papel da mulher e a aprisiona em papéis como o de ajudante do lar, educadora dos filhos, ser de virtude, anjo do lar. A cultura burguesa era fundamentada em binarismos que associavam as mulheres com a terra, a natureza, com o inferior a ser domado e os homens como a cultura e a razão superior. Esse discurso sobre a natureza feminina que a define como delicada e maternal, as colocará aquém da cultura. Segundo tal lógica o homem é o que cria, a mulher apenas reproduz e nutre. Nas palavras de Telles: “Tal qual um Deus Pai que criou o mundo e nomeou as coisas, o artista torna-se o progenitor e procriador de seu texto. À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação.” (Telles, 2000, p.403).

Portanto, como afirma Telles (2000), por muito tempo as mulheres serão musas ou criaturas, nunca criadoras. Porém, desde o século XIX um número significativo de mulheres começou a escrever e publicar. Isso não seria possível sem algumas dificuldades, que Telles (2000) consegue elencar com maestria e que resumimos aqui: a primeira de tais dificuldades que as mulheres enfrentaram para escrever e publicar no século XIX foi aprender a escrever. Esse foi um obstáculo importante a ser superado, pois trata-se de uma época em que boa parte do mundo ainda lhes negava a educação, com exceção da educação voltada para as prendas

domésticas que foi a primeira a ser alcançada; em seguida tiveram de fazer um esforço para ler o que foi escrito sobre elas. Isso seria necessário para rever a própria socialização. Essas dificuldades, para Telles (2000) tiveram de ser superadas pelas escritoras do século XIX que trilhavam um sinuoso caminho na formulação de um “eu”, tão necessário à expressão ficcional (TELLES, 2000).

ESCRITORAS AMAZONENSES PUBLICADAS EM PERIÓDICOS LOCAIS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Será mesmo necessário um milagre (...) para que uma mulher com coisas a contar dissolva as margens entre as quais parece estar fechada por natureza e se mostre para o mundo com sua escrita? (Ferrante, 2023)⁵.

A misteriosa escritora contemporânea Elena Ferrante parece compreender bem o processo de formulação de um “eu” necessário à expressão ficcional para as mulheres escritoras. Na referida obra, em que expõe sua jornada como leitora e escritora ela narra como seus interesses literários por muito tempo foram voltados para obras escritas por homens, e como as palavras destes homens muitas vezes a moldaram sem que ela percebesse. A partir de tais percepções podemos ter uma dimensão da importância dessa reformulação do “eu” no processo da escrita feminina. Esse seria um passo extremamente importante para que as mulheres conquistassem autonomia e concretizassem o “milagre” que Ferrante diz ser preciso para que mostrassem para o mundo sua escrita.

Isso porque, muitas vezes essa busca por formular um novo “eu” acaba gerando um que não necessariamente se encaixava nos papéis sociais que lhe eram impostos. Por isso é que o foco neste subtópico será em resgatar vestígios da atuação de mulheres no mundo das letras. Pretendemos encontrar possíveis histórias de mulheres que adentraram o espaço interdito da literatura e que transgrediram às expectativas em relação à autoria feminina e que tiveram seus escritos publicados, o que era extremamente raro no início do século XX – principalmente em periódicos que não eram produzidos por mulheres.

Isso porque eles, os periódicos produzidos por mulheres, existiram. E germinam numa época em que elas eram desencorajadas a publicar seus escritos, ou muito menos, a exercer a profissão de jornalista. Desafiando o que vimos que a sociedade da época acreditava ser adequado, muitas mulheres de Manaus trabalharam na Imprensa. Não apenas publicando seus escritos, como também escrevendo seus próprios jornais. Como afirma Telles (2000), muitos

⁵ Ferrante, Elena. As margens e o ditado: sobre os prazeres de ler e escrever: Intrínseca, 2023, Rio de Janeiro.

jornais foram fundados por mulheres no Brasil durante o século XIX⁶, o que demonstra que havia mulheres exercendo essa profissão mesmo que fosse considerada uma ocupação “masculina”.

Pinheiro (2015) trouxe um apanhado das manifestações que se tem conhecimento feitas pelas primeiras jornalistas de Manaus. A autora analisou em suas pesquisas um jornal abolicionista de 1884 que foi o primeiro da região produzido inteiramente por mulheres, o “*Abolicionista do Amazonas*”. Nessas análises Pinheiro percebeu que apesar da presença maciça de mulheres na produção deste jornal, ele não tinha pautas diretamente voltadas para discutir a condição social delas, visto que suas pautas tinham foco na luta pela emancipação dos escravos negros da Província. Outras incursões femininas na imprensa amazonense, segundo Pinheiro (2015), foram manifestadas em 1897, no município de Codajás, interior do Amazonas, que se chamava “*A Rosa*”. Outro caso de jornal também manuscrito trazido pela autora é o jornal “*O Amôr*”, que era produzido por alunas da Escola Normal que surgiu em 1909⁷.

Essas primeiras jornalistas do Amazonas deixaram vestígios que permitem perceber as estratégias utilizadas por estas mulheres que viviam na cidade de Manaus no início do século XX e que aproveitaram o contexto econômico da cidade e os discursos a nível global que estavam mudando, para inserirem-se no rol ainda seletivo de mulheres no mundo que exerceram profissões que não eram consideradas adequadas ao seu gênero. Expressão desta vontade pulsante no coração de muitas amazonenses no período em questão foi registrada nesse trecho do texto intitulado “Avante!” publicado em 1909 na primeira edição do jornal feminino “O Gremio” em Manaus:

Surge nesta data o Gremio, modesto, simples, sem atavios de rethorica, sem a eloquencia das escriptoras que pelos seus talentos, cultivo e gosto se tornaram nas letras brasileiras queridas e idolatradas. (...) A nós poderá ser concedido um dia o louro da victoria por termos cooperado com o nosso Gremio para o desenvolvimento intellectual da mulher, nesta tão nova e florescente cidade. (...) Já vêm minhas collegas e amigas, que aquillo de que mais carecemos é de coragem, de amor pelo estudo, pela leitura de bons classicos; comprehender, observar e reter, seu manejo superior da lingua, pois só teremos a ganhar elevando o nome da mulher amazonense. (O Grêmio, nº01, 1909).

⁶ Por exemplo: o “Escrínio” e o “Corymbo (1884-1944)”, das irmãs Revocata e o “Partenon” de Luciana de Abreu, todos no Rio Grande do Sul; “O Sexo Feminino (1873)” de Francisca Senhorinha de Mota Diniz e “A mensageira (1897-1900)” da escritora Prisciliana Duarte de Almeida, ambos no Rio de Janeiro; “A Família” de Josefina Álvares em São Paulo. (Telles, 2000).

⁷ Esse período corresponde à fase de maior expansão da cidade Manaus, onde as prensas tipográficas já tinham se espalhado. Para Pinheiro (2015) para além da limitação técnica, recorrer à publicação manuscrita no caso dos jornais feitos por mulheres estava mais relacionado ao preconceito contra mulheres na Imprensa que dificultava o acesso delas às tecnologias tipográficas do jornalismo impresso. (PINHEIRO, 2015).

Para Pinheiro (2015), este é o jornal que chega mais próximo do que pode ser considerado um jornal pois trouxe uma argumentação mais politizada sobre o tema da emancipação feminina, projetando na imprensa feminina uma característica nova. Segundo Pinheiro (2015), a principal expoente do Grêmio foi Mathilde Areosa, que suspeita-se ser a autora do trecho acima, que está assinado somente com as iniciais “M.A.”. No mesmo texto, lê-se o trecho:

A intelligencia e a comprehensão da mulher, estão em correlação equitativa, com a do homem, sendo porem a deste mais cultivada.

O homem tem mais força de vontade e o seu ideal é mais elevado porque elle sonha com que é grande, sublime e glorioso; trabalha, lucta, pensa, emprega inauditos esforços, para a resolução dos problemas que se lhe apresentam ao pensamento, até encontrar a solução exacta, e assim tornar-se superior; problemas estes que a mulher talvez só em delles ouvir fallar os considera logo impossiveis.

Porque?

Pela falta de comprehensão, pela falta de reflexão, pela falta de orientação? Não, mas pela ausencia da cultura intellectual necessaria.

Temos exemplos vivos na America do Norte, em alguns paizes da Europa e mesmo no sul de nosso paiz, em mulheres munidas de diplomas, desenvolvem as suas diversas actividades, provando desta forma que suas intelligencias foram adesevolvidas e aperfeiçoadas, dando em resultado o que sabemos. Ja vemos que as intelligencias estão equiparadas, faltando-nos apenas o cultivo e no dia em que o tivermos, nesse dia será feita a emancipação da mulher. (O Grêmio, nº01, 1909).

Este é um trecho que exprime percepções interessantíssimas para refletirmos sobre os papéis sociais impostos às mulheres em Manaus no início do século XX e de forma privilegiada acessar a percepção de algumas mulheres em Manaus sobre estes. Trata-se de algo escrito por uma mulher que fazia parte de uma associação que valorizava o estudo, as letras e a intelectualidade, junto a outras mulheres. E já nesse início de século essas mulheres estavam questionando o que leva homens terem mais aptidões para resolução de determinados problemas, que para as mulheres parecem impossíveis.

Nesse texto publicado no jornal “O Gremio” existe por parte da autora a clara percepção de que se trata de um investimento unilateral no desenvolvimento da inteligência, portanto para que fossem igualitárias as capacidades deveriam ser igualitárias também os acessos ao desenvolvimento da intelectualidade. Esse tipo de percepção ainda é muito atual, mesmo para a sociedade contemporânea, que muitas vezes não percebe que as inteligências de meninas não são estimuladas da mesma forma que as de meninos. E essas mulheres, em 1909, já diziam isso.

Se o primeiro jornal feminino do Amazonas, que segundo Pinheiro (2015) foi voltado para a causa abolicionista, ajudou as mulheres amazonenses a dar mais um passo para fora do lar, os jornais que se aproximam de discussões feministas desempenham o importante

papel de disseminar uma nova visão entre as mulheres. Diante deste quadro, no qual mulheres eram condenadas socialmente pela ousadia de atuarem na imprensa, reverbera-se o que afirmou Pinheiro (2015) ao afirmar que

para a “nova mulher” que emergia em fins do século XIX, assenhorar-se do jornal, recusando a passividade da “gentil leitora” e penetrando nos meandros das redações (até então espaços masculinizados), significava transpor uma barreira que limitava a projeção de seus desejos de emancipação e igualdade. (Pinheiro, 2015, p. 322).

Por fim, o texto da nossa misteriosa autora M.A. nos dá pistas importantes para esperar ao nos enveredar pelas trajetórias de mulheres que retomamos nesta pesquisa pois afirma que “Manaós tem verdadeiros talentos, tanto para as Letras como para as Bellas-Artes; no entanto, homisiam-se em casa, quedam-se em um indiferentismo lastimavel, sem dar publico testemunho de seu valor.” (O Grêmio, nº01, 1909). Esperamos que mesmo em sua maioria resguardadas em casa, os vestígios que parte dessas mulheres deixaram sobre suas atuações profissionais sejam suficientes para o reconhecimento de sua coragem ao ousarem a incursão naquelas profissões que lhes eram consideradas inadequadas por serem mulheres.

Como vimos, em Manaus a atuação e presença de mulheres em periódicos foi a gênese de uma Imprensa Feminina que de forma semelhante a outros jornais produzidos, editados e escritos por mulheres, que terão como um dos principais objetivos impulsionar a escrita feminina nesse período. (Maria Luiza Ugarte Pinheiro, 2015; Campos, 2010). No caso do jornal “O Grêmio” por exemplo, suas escritoras eram Olivia Canuto, Mathilde Areosa, Calíope e Amethysta Campos (Campos, 2010). Além de terem sido as que mais se aproximaram do que podemos considerar discussões feministas dentro da imprensa feminina amazonense do século XX, essas escritoras criaram através do jornal feminino que tocaram juntas o que foi mais parecido em Manaus com as redes de apoio criativo de Natalie Barney, a Safo de Paris.

Contudo, esse tipo de publicação que priorizava escritos femininos era algo raro no cenário intelectual e literário do fim do século XIX e início do XX, que ainda era dominado por homens. Em publicações de livros, jornais e revistas, conferências, saraus, reuniões, composição da Academia Brasileira de Letras e demais registros em espaços onde a atividade literária se manifesta, quase não se tem notícia sobre a escrita e a atuação de mulheres. Julia Lopes de Almeida foi um exemplo da exclusão sistemática das mulheres do mundo das letras. Escritora respeitada por seus contemporâneos, Júlia ajudou a fundar a Academia brasileira de letras (fundada em 20 de julho de 1897), mas não foi autorizada a compor a mesma, por ser mulher. Em vez disso, seu marido assumiu uma cadeira na ABL, e este sequer era escritor.

Ao longo do século XX diversos estudos acadêmicos se dedicaram ao resgate de muitas dessas literatas que foram sistematicamente excluídas – como a própria Júlia Lopes de Almeida. Entre elas podemos citar Nísia Floresta, Narcísia Amália, Albertina Bertha, Gilka Machado. Mas e as mulheres literatas no Amazonas?

Antes de iniciarmos o resgate dos vestígios dessas mulheres de letras que se dedicaram à criação literária no início do século XX e que lançaram ao espaço público suas obras através do ato literal da “publicação”, é necessário esclarecer a forma que isto será feito. Optou-se por trazer as transcrições completas das obras dessas escritoras, pelo simbolismo de republicá-las em um estudo acadêmico. Não havia outra maneira de fazê-lo, visto que apenas citar seus nomes e os títulos de suas crônicas e poemas seria reproduzir um silenciamento sobre suas criações literárias, quando a publicização de suas obras foi um objetivo tão dificilmente alcançado por essas mulheres.

Um dos primeiros registros encontrados de poemas publicados por mulheres em periódicos amazonenses do século XX, são os escritos literários produzidos justamente por Mathilde Areosa. O poema “Primeira Idade” foi publicado no jornal que ela produzia junto a outras mulheres, e se tratava de um poema que ela escreveu para sua sobrinha:

Primeira Idade
A' Minha Sobrinha Anna Clara
Tão pequenina,
Tão graciosa;
Gentil bonina,
Botão de rosa.
Quando pipila,
Tentando os passos,
P'ra mim acintila
Deus nos espaços.
E' borboleta
De flôr em flôr;
Eu, da inquieta,
O caçador.
Ergue os bracinhos,
Vacilla e cai.
Se os passarinhos
Olhando vai.
Ella é o encanto
Do lar que habita.
Ninguém vê pranto
Na pequenita.
Sempre o sorriso
Nos labios têm.
Té no juízo
Parece *alguém*
Que Deus te veja
Lá das alturas
E te proteja

Nas travessuras!
(O Grêmio, 1909).

Vestígios da produção literária de Mathilde Areosa também foram publicados sem que a intenção partisse dela, como é o caso do poema encontrado no *Jornal do Commercio*, que na verdade Mathilde escreveu para a lápide de dona Mathilde Areosa, sua ancestral de quem herdou o nome:

Sobre o marmore desta última campa, estavam gravados os seguintes versos com a assinatura de dona Mathilde Areosa:
“As lágrimas que choramos
Por alguém que nos morreu,
Estas flores que espalhamos
Por cima dum mausoléu,
São, a dôr que nos invade,
Consôlo que fortalece,
- O manto azul da saudade
Que estas ossadas aquecem.”
(*Jornal do Commercio*, 1913).

Outro exemplo emblemático de escritora amazonense do início do século XX é Maria Luiza Saboia. Além de ter sido a primeira mulher a concluir um curso jurídico em Manaus, Maria Luiza também teve contos e crônicas publicados diversas vezes no *Jornal do Commercio*. Esta é uma das poucas escritoras amazonenses sobre quem os jornais ajudam a reconstruir vestígios biográficos. Começemos por uma publicação no jornal “*A Capital*” que mostra que Maria Luiza de Saboia foi a única mulher da turma de dez bacharéis formados em 1917⁸, época que ainda era incomum mulheres estudarem na área jurídica. Segundo Schueler e Rizzini (2021), a primeira mulher a exercer a profissão de advogada no Brasil foi Myrthes de Campos, que atuou na defesa de um réu no Tribunal do Júri do Rio de Janeiro, em 1899. Myrthes porém só foi admitida pela Ordem dos Advogados Brasileiro em 1906, após recorrer à justiça⁹.

Essa inconcretude que não permite que mulheres formadas em ciências jurídicas atuem na área se comprova com o que se encontra sobre a atuação profissional de Maria Luiza de Saboia. O que temos são registros de sua atuação como funcionária pública, no magistério. A primeira vez que Maria Luiza Saboia é registrada como professora foi no *Jornal do Commercio*, em 1925, aparecendo novamente em outras menções no mesmo jornal que se estendem até

⁸ *A Capital*, 1917, Ed. 155.

⁹ Os desafios enfrentados por Myrthes se iniciaram desde a obtenção de seu diploma de bacharel, cujo reconhecimento só se deu após meses devido à resistência de um desembargador que era contrário à presença de mulheres no exercício da advocacia. A mesma resistência por colegas de profissão foi enfrentada por Myrthes ao tentar ingressar no Instituto dos Advogados do Rio de Janeiro, que desde sua criação em 1843 restringia-se como um espaço exclusivo de homens.

meados de 1933. Supõe-se, portanto, que mesmo formada na área do direito, Maria Luiza Saboia não atuou na área e sim como professora.

Porém, há registros em jornais foi que permitem delinear a trajetória de Maria Luiza Saboia também como escritora, visto que foi publicada diversas vezes desde 1905 e chega a ser mencionada no *Jornal do Commercio* em 1909 como uma das únicas mulheres associadas à Assembleia Literária, associação de escritores do Amazonas do início do século XX. Podemos aferir que tais incursões intelectuais de Maria Luiza Saboia foram amplamente possibilitadas por suas origens e sua condição financeira, visto que ela pertencia à classe mais abastada de Manaus, sendo filha do advogado Gilberto de Saboia.

Inclusive é para seu pai que Maria Luiza dedica a crônica Togo e Oyama que escreveu e foi publicada em 1905 no *Jornal do Commercio*:

Togo e Oyama
(A Papae)

Era uma formosa tarde de dezembro de 1901, em um dos jardins públicos de Tokio. Em uma das alamedas duas moças maravilhosamente bellas, passeavam com seu pae.

As jovens fallavam sobre a guerra Russo-japonesa, e dos grandes heroes do Japão.

- Tu dizes que o Togo é maior do que o Oyama, mas não tens razão! dizia a mais velha, Alegria da Manhã.

- Sim, digo porque conheço o Almirante Togo, e sei que elle ainda vem a ser uma das maiores glorias da humanidade, o orgulho da Patria e o terror da Russia! respondeu a mais moça, Doçura da Tarde.

- Eu tambem, quando sustento que o general Ogama vale mais que o Togo, é porque reconheço em Oyama um novo Epaminondas! replica Alegria da Tarde.

O pae, que as tinha ouvido até então calado, diz:

- Nenhuma tem razão! Togo e Oyama são iguais, um é grande no mar, o outro em terra. O Togo é um novo Themistocles, e Oyama é um Epaminondas contemporaneo.

(*Jornal do Commercio*, 1905, Ed. 513).

A crônica publicada no mesmo ano em que se desenrolava a guerra russo-japonesa (1904-1905) traz referências ao conflito ao citar o almirante Tōgō Heihachirō e o general Ōyama Iwao. As duas moças personagens da crônica, refletem o interesse e os conhecimentos de sua autora sobre acontecimentos geopolíticos em curso. Outro aspecto interessante na crônica é a naturalidade com que o personagem do pai se insere no debate, incentivando a reflexão nas filhas sobre estes temas ao mesmo tempo que as ensina.

A crônica “Togo e Oyama” é muito emblemática pois, justamente por ser dedicada a seu pai, pode ser considerada um reflexo da própria relação que Maria Luiza Saboia tinha com ele. A partir da análise do conteúdo da crônica podemos supor o tipo de incentivo que ela pode ter recebido dele para ser uma mulher que pensa, debate, lê e escreve. O fato de ter estudado na

mesma área de conhecimento que seu pai, ainda que não tenha atuado como advogada, também demonstra como sua relação pode ter sido baseada no incentivo intelectual por parte do pai.

No mesmo ano de 1905 um conto escrito por Maria Luiza Saboia foi publicado no *Jornal do Commercio*:

Bôcca de Coral

Pés descalços, cabellos ao vento, roupa esfarrapada, passeava um dia uma mocinha pelas ruas da bella cidade de Bagdad.

Era uma adoravel menina, de 15 primaveras, cabellos negros, longos e abundantes, olhos pretos e brilhantes, bôcca fresca, rosada, pequena e provocadora, por isto chamavam-na Bôcca de Coral.

Chegando defronte do palacio do Califa, a menina parou e exclamou:

- Que lindo rapazinho!

Era o filho do Califa, que montado em um formoso corcel arabe, passeiava no pateo do palacio. Era realmente bello o principe. Possuia um formoso rosto varonil, onde sobresahiam dos olhos negros e offuscantes.

O príncipe, viu através do véo esfarrapado o lindo rosto da mocinha, e apaixonou-se.

Quando o glorioso Califa, soube que seu filho, queria desposar uma pobre mendiga, ficou enfurecido.

Mas, o principe tanto chorou, tanto rogou que o Califa se commoveu, e ordenou que trouxesse Bôcca de Coral á sua presença.

Bôcca de Coral, quando entrou curvou-se ante o Califa, e levantou o véo que ocultava o seu formoso rosto.

O Califa ficou extasiado deante de tanta belleza; abraçou Bôcca de Coral em presença de toda a côrte, e ordenou que se preparasse festas, para os esponsaes de seu filho.

Um mes depois, Bôcca de Coral casou-se com o lindo principe Abdalla.
(*Jornal do Commercio*, 1905, Ed. 549).

Nesta crônica, ambientada na cidade árabe de Bagdad, percebemos os caminhos criativos que Maria Luiza percorre ao permitir-se criar histórias que envolvem culturas muito distantes da sua. A crônica que é uma simples história de amor com final feliz se destaca justamente pelos conhecimentos da escritora sobre elementos culturais da Arábia. Ainda em 1905, Maria Luiza Saboia publicou outra crônica dedicada a alguém, desta vez à dona Rachel Afialo:

Aracy

A' d. Rachel Afialo

A pequena Lilia, fatigada de brincar no jardim, foi para o salão onde se achava sua avózinha, sentou-se nos seus joelhos, e lhe disse:

<Vocó, conte uma historia bonita!>

<Sim, vou te contar a historia de Aracy>

<Nos verdes campos de S.Paulo, nasceu a linda Aracy. Filha de um chefe da tribu dos Goyanazes, Aracy era o idolo de seu pae, e a soberana da tribu.

Alta, elegante, flexivel, cabellos negros, olhos tenebrosos e grandes, nariz afilado, bôcca pequena e ornada de esplendidos dentes, Aracy fazia o orgulho de seu velho pae, pela sua incontestavel belleza.

Depois de seu bom pae, a quem Aracy amava mais no mundo, era ao seu cão Tupy. Todas as manhãs ella percorria com Tupy, os frescos valles entremeados de

limpídos regatos, colhendo flôres, aqui e a alli, parase adornar.
A felicidade de Aracy não durou por muito tempo. Tupy o seu adorado cãozinho, foi atacado de hydrophobia.
Quasi louca de dôr, Aracy não cansava de chorar.
Uma manha, seu pae preparou-se para matar Tupy...
Sem reflectir, Aracy atravessou-se entre seu pae e o cão, e a flecha que era dirigida ao animal, embebeu-se no coração da morena virgem...
Vendo o corpo de sua adorada filha, que jazia sem vida no meio da cabana, o velho guerreiro quasi doido, sae de casa, e corre pelos campos n'uma carreira louca...
No dia seguinte, os pescadores encontraram seu cadaver nas margens do Tieté.>
Terminando a historia, a avózinha perguntou a Lilia:
<Gostaste?>
<Muito, mas é tão triste avózinha!>
(Jornal do Commercio, 1905, Ed. 567).

Não podemos dizer com certeza se Maria Luiza inventou totalmente esta história ou se baseou-se em algum relato que ouviu, mas suas referências têm base na realidade. A etnia indígena a que se refere na crônica, os “Goyanazes” que habitavam os “verdes campos de S. Paulo” provavelmente faz referência à etnia dos Guaianás. Estes foram os povos que habitavam originalmente a região que hoje compreende a cidade de São Paulo. A cidade inclusive possui um bairro que se chama “Guianases” em referência aos Guaianás, e que nasceu de um aldeamento indígena feito pelos jesuítas¹⁰. Esta é outra crônica escrita por Maria Luiza Saboia que permite perceber sua ampliada percepção sobre o mundo, acontecimentos públicos como guerras e políticas, assim como sobre aspectos culturais de outros povos.

Importante mencionar que não foram apenas amazonenses as escritoras publicadas nesses periódicos no início do século XX. As portuguesas também se fizeram muito presentes, tendo seus escritos publicados inúmeras vezes. Alguns exemplos são: Branca da Gonta Collaço¹¹; Oliva Guerra¹²; Laura Margarida de Queiroz¹³; e Virginia Victorino¹⁴, todas de origem portuguesa. Sobre a maioria dessas escritoras portuguesas é possível encontrar pesquisas acadêmicas que permitem conhecer sua vida e obra. Enquanto sobre muitas escritoras publicadas em periódicos amazonenses não conseguimos identificar nem mesmo a nacionalidade.

Este é o caso de Marina Coelho Cintra, que em 1928 teve dois poemas¹⁵ publicados no Jornal do Commercio. Não foram encontradas pesquisas acadêmicas sobre a escritora que nos

¹⁰ PONCIANO, Levino, São Paulo: 450 bairros, 450 anos, São Paulo: Editora Senac, 2004.

¹¹ Jornal do Commercio, 1926.

¹² Jornal do Commercio, 1928, Ed.8299.

¹³ Jornal do Commercio, 1928, Ed.8341; Jornal do Commercio, 1929, Ed.8693 e Jornal do Commercio, 1929, Ed.8784.

¹⁴ Jornal do Commercio, 1928, Ed.8299; Jornal do Commercio, 1928, Ed. 8568 e Jornal do Commercio, 1929, Ed. 8862.

¹⁵ “Berenice”, publicado no Jornal do Commercio, 1928, Ed.8419 e “Canção japonesa” publicado no Jornal do Commercio, 1928, Ed.8335.

permitam conhecer aspectos de sua biografia. Os dois poemas da autora publicados no *Jornal do Commercio* também não foram encontrados em pesquisas em mecanismos de busca na *internet*, o que nos permite acreditar que resgatar a publicação deles no *Jornal do Commercio* é também resgatar a própria obra da autora para a posteridade. O que podemos supor é que não era uma escritora amazonense, devido os poucos vestígios sobre a vida e obra de Marina Coelho Cintra serem encontrados em jornais cariocas¹⁶.

Mas é certo que escritoras de outros estados do Brasil também foram publicadas nos periódicos amazonenses, como é o caso da escritora mineira Maria Eugenia Celso, que teve nove poemas¹⁷ e uma coluna¹⁸ publicados no *Jornal do Commercio* entre 1928 e 1963, foi uma importante voz feminina da literatura do século XX.

Um outro exemplo de escritora sobre quem pouco se sabe na contemporaneidade e que não foi possível desvendar aspectos biográficos é Helena Marília. Ela teve suas obras publicadas no *Jornal do Commercio* duas vezes. O primeiro dos poemas de Helena Marília foi publicado neste jornal no ano de 1928:

Tranquilidade

Vem meu amor. O mal que nos rodeia
Que importa, se a ventura nos espera?
A estrada a percorrer é rude e austera
Mas quem ama sorri, nunca receia.

Vem para a floria que o meu peito aneia!
Ao reino deslumbrante da Chiméra,
Já que de sonhos temos a alma cheia,
Partamos a cantar, que é primavera!

E fundindo num beijo as nossas vidas,
Sem do mundo temer pedras e escolhos,
Sigamos nós, tranquilos, de vagar!

As minhas mãos ás tuas mãos unidas,
Teu olhar mergulhado nos meus olhos,
Teus olhos reflectindo o meu olhar...
(*Jornal do Commercio*, 1928, Ed. 8554).

¹⁶ O jornal carioca “A Rua”, em 28 de Janeiro de 1927 publicou sobre Marina Coelho Cintra na coluna “Chronica literaria”. Na ocasião foi publicada inclusive uma fotografia da escritora. (A rua, 1927, nº96). Também na carioca “Revista da Semana” encontramos uma publicação na seção “Os Novos Livros” sobre o livro lançado por Marina Coelho Cintra em 1928. (Revista da Semana, 1927, n.14)

¹⁷ *Jornal do Commercio*, 1928, Ed.8419; *Jornal do Commercio*, 1929, Ed. 8623; *Jornal do Commercio*, 1929, Ed.8642; *Jornal do Commercio*, 1929, Ed.8735; *Jornal do Commercio*, 1929, Ed.8748; *Jornal do Commercio*, 1932, Ed.9767; *Jornal do Commercio*, 1933, Ed.10055; *Jornal do Commercio*, 1943, Ed.13275; e *Jornal do Commercio*, 1963, Ed.18120.

¹⁸ *Jornal do Commercio*, 1943, Ed.13167.

A segunda e última vez que Helena Marília foi publicada no *Jornal do Commercio* foi no mesmo ano de 1928, desta vez com o poema “Trovas”.

Trovas

A imensa dôr da saudade
Ninguém pode definir
Traduzil-a ninguém ha-de
Por mais que a possa sentir.

Pois todo o vocabulário
Para a sua tradução,
Se encontra num dicionário
Gravado no coração.

Fui perguntar às mulheres
Porque mentiras diziam
Responderam: que queres?
E’ só por necessidade:
Os homens, não nos creriam
Dizendo nós a verdade!
(*Jornal do Commercio*, 1928, Ed. 8562B).

Sobre a escritora Helena Marília não há nem mesmo resultados rápidos em mecanismos de pesquisa na *internet*, muito menos publicações acadêmicas de pesquisas sobre sua vida e obra. Nos jornais amazonenses consultados nesta pesquisa ela surge somente nos dois casos citados acima. Até aqui Helena Marília ainda é uma “escritora fantasma”. Mas não podemos deixar de esperar que outros vestígios de sua trajetória sejam encontrados e que outras pesquisadoras possam tornar um pouco mais sólida sua existência e seu legado como escritora.

Infelizmente o caso de Helena Marília assemelha-se muito mais a uma regra, quando se trata das escritoras que encontramos publicadas no periódico amazonense *Jornal do Commercio*, nas primeiras décadas do século XX. É também no ano de 1928 que Esther Pereira Viana publicou pela única vez neste jornal um poema chamado “Canção da Mãe d’Água”:

Canção da Mãe d’Água

Deslumbraram meu sonhar as lendas brasileiras
Visionária feliz das Mães d’Água formosas
Vejo-as feitas de leite e pétalas de rosas
Esparsas, rio em fóra, as verdes cabelleiras.

Estou em minha terra, entre as selvas frondosas
Espumam ante mim soberbas cachoeiras,
Cipós, barbas de velho, escorrem das palmeiras
Circulam meu olhar raízes musculosas.

Ouçó-as, meigas cantar ephemerás blandices
Sinto a grande atracção, o iman das meiguices
Que trescalam do Amor a essencia envenenada.

Palacios de illusões, de glauca pedraria
Mocidade evitae a phantasinagoria

A hypocrita canção da yara apaixonada.
(Jornal do Commercio, 1928, Ed.8299).

Assim como Helena Marília, Esther Pereira Viana é uma “escritora fantasma”. Sobre a qual não encontramos pesquisas publicadas, sabemos pouco mais do que seu nome. Nem sobre o lugar de origem de ambas temos conhecimento. O que resta é a interpretação do que elas escreveram, que tem importante potencial de revelar aspectos da visão de mundo dessas mulheres. No caso de Esther, por exemplo, que escreveu um poema sobre a lenda de Yara, também conhecida como mãe d’água, o que nos revela essa única publicação é seus conhecimentos sobre narrativas oriundas dos povos originários, comumente chamadas de lendas. A própria autora atribui a esta narrativa da Yara o aspecto de lenda brasileira.

No poema, Esther narra um sonho que teve. No sonho ela via Yara feita de leite e pétalas de rosas, com cabelos verdes. A autora diz que neste sonho estava em sua terra, “entre as selvas frondosas”. Esse trecho é um forte vestígio das origens de Esther, pois ela atribui como sendo sua terra um lugar que fica na selva. Em seguida, Esther escreveu que à sua frente estava uma cachoeira e ao seu redor cipós, barbas de velho (um tipo de bromélia), palmeiras e raízes musculosas, trecho que demonstra um certo conhecimento da autora sobre plantas nativas.

Por fim, temos a presença literária da escritora Maria Sylvania, que é um exemplo excepcional de mulher que exerceu o ofício de escritora em Manaus no início do século XX, visto que ela teve até mesmo espaços fixos para publicar seus escritos. Esse espaço lhe foi concedido pela revista amazonense A Nota, que teve 12 edições (pelo que sabemos) publicadas em 1917. Maria Sylvania foi uma intensa colaboradora da revista, publicando em todas as edições. Os poemas de Maria Sylvania nas revistas foram publicados numa sequência, que pela numeração em números romanos que tem como título, supõe-se fazer parte de uma série.

Os poemas de Maria Sylvania eram publicados em uma seção da revista A Nota chamada “Molduras”, que continha ilustrações divertidas que brincavam com o título da seção. As publicações dos poemas de Maria se iniciam já na primeira edição da revista, de 1917, com o poema intitulado “I”:

I

M. A. G.

Anjo, fez-se mulher e, de repente,
abandonou da altura os regios paços,
e, rasgando a alva seda dos espaços,
chegou á terra, á vida resplendente...

Não é preciso descrever-lhe os traços...
Côr morena, quinze annos, quasi gente...
Corpo perfeito, espírito contente,
cheio de risos e desembaraços...

Conduz nos olhos duas encantadas gottas do Rio Negro. Mas, brilhando,
despedem noites, tardes, alvoradas...
Como se chama? Vendo-a, a alma sombria
fica tristonha, em extase, pensando:
- Como é seu nome? Angelica ou Maria?
(A nota, 1917, nº01).

Os poemas seguem publicados na sequência, na edição de nº02 da revista A Nota, temos o poema “II”:

II
D. C.
Ao sol pôr, a janella côr de rosa,
surge, empunhando artístico Iorgnon
E, na *pose* de moça de aureo tom,
olha de longe a gente curiosa

Mignonne japoneza radiosa,
de seduzir as almas tem o dom
pelo sorriso compassivo e bom
pela delicadeza primorosa...

Possue os gestos de mulher altiva
Olhos castanhos de quem sabe ver
e sabe o que é brinquedo e o que é trabalho.

Mas dizem por ahí que, sendo *diva*,
fica às vezes pensando em não poder
atingir as alturas de um carvalho.

Na sequência, temos na edição de nº03 da revista A Nota, o poema “III”:

III
Z. N.
Oradora da festa da Bandeira,
fugindo á forte luz da larga praça,
deslumbra pelo riso e pela graça,
pelas tranças da negra cabelleira...

A elegancia em seus traços esvoaça,
desde á cabeça á linha derradeira...
E por isso, talvez, a rua inteira
estremece a sorrir, se acaso passa...

Tem redolencias no crystal da fala...
E externa no perfil bello e modesto,
a ideal certeza de quem tudo vence...

Um dos melhores gosos é escutal-a
dizer, em meio ao povo e em brando gesto:
- Soldados” a mulher amazonense...”
(A Nota, 1917, nº03).

Na edição da revista A Nota de nº04, temos o poema “IV” de Maria Sylvia:

IV
C. T.
Heptacordio, que de ouro se reveste,
jorra das cordas lucidas de prata,

em longo scherzo de mandolinata,
todo o languor de sua voz celeste...

Ao seu cabelo a tempestade empreste
a negra cor, que em trevas se desata...
E, assim, pareça a bençã de uma oblata
da terra erguida ao paramo celeste...

Ouvindo-a, o mar de brilhos se recama...
Ficam em silencio arvores e campos...
O céu de estrellas límpidas se veste...

Pois na voz e no olhar - gorgueio e chamma -
tremem valsas, retremem pyrilampos,
como uma ochestração bella e celeste...
(A Nota, 1917, nº04).

Na sequência, foi publicado o poema “V”, na edição nº05 da revista A Nota:

V

B. S. R.

Sorrisos, prantos, sensações e medos...
E, do teclado branco do piano,
arranca todo o sentimento humano,
gritos de ventos, hymnos de arvoredos...

Creança ainda, entende-lhes os segredos...
Sabe exprimir o engano e o desengano...
Toca: chora Mozarte o fado insano,
geme Chopin por entre os longos dedos...

Olhos rasgados, cabelleira escura,
rolando em tranças negras sobre os hombros...
Mais do que isso, porém, brilha e fulgura,

Encanta o ouvido, emociona a vista,
o bello vulto, suggerindo assombros,
de soberana, de perfeita Artista.
(A Nota, 1917, nº05).

Seguindo a série de poemas de Maria Sylvia, na edição de nº 06 da revista A Nota foi publicado o poema “VI”:

VI

E.G.

Olhos castanhos...Elegante...Clara...
Passa. E mostra nas linhas peregrinas,
Numa lucillação de pedra cara,
A perfeição das creações divinas.

Fala: sacode as mãos bellas e finas...
E descreve, em palavra ardente e rara,
As montanhas altissimas de Minas
E os fortes vagalhões da Guanabara.

A's vezes dança, e quando dança, dança,

Ao redor de seu vulto airoso e leve,
O encanto do salão de encanto cheio...

E aninha n'alma a limpida esperança,
De por tudo voltar, talvez em breve,
A's luminosas terras de onde veiu...
(A Nota, 1917, nº06).

Na edição de nº07 da revista A Nota, temos o poema "VII" de Maria Sylvia:

H. L.
VII

Musa de ouro! enche de ouro a essencia de ouro! Toma
Por forma, na ansiedade azul de aos céos erguel-a,
As estatuas da Grecia e as columnas de Roma,
E, accesa em febre de arte, intenta descrevel-a...

Seus olhos, verde oceano, aclara o luar que assoma
Em sua eburnea face...E, buscando escondel-a,
Escorre pela espadua a aurigulgente coma,
- Fios de via-lactea, almos brilhos de estrella...

Musa! admira esse bello espirito de eleita,
E as mãos - lyrios de chamma, e o olhar - mar de esmeralda,
E o rio - alvor de aurora, e a heril linha perfeita...

E canto ao labio, corpo em curva, alma de bruços.
Ao mundo absorto em sonho o seu nome desfralda,
Nome que fñda em floria e começa em soluços...
(A Nota, 1917, nº07).

Seguindo a sequência de publicações, temos na edição nº 08 da revista A Nota o poema "VIII" de Maria Sylvia:

VIII
N. A.

Porque envolvida em côres de agonia,
em luctulentos crepes de amargura
trazes nos olhos fontes de ternura,
trazes na voz gorgeios de alegria?

Porque, em contraste á rude côr sombria
soltas ao mundo, em redolencia pura
cantos serenos de serena alvura,
brandos alvares do nascer de dia?

Ave, cortando o lago americano,
deixas á tona as scintillantes plumas,
preso ao mais bello sentimento humano...

Peixes...Passas...E, em risos e lamentos,
seguem teu vulto, levantando espumas,
sonhos verdes levados pelos ventos.
(A Nota, 1917, nº08)

O poema de Maria Sylvia publicado na sequência, na edição de nº09 da revista A Nota, é intitulado “IX”:

IX

M. M. C.

Pretende ser irmã de caridade
Diz que, livre de todo sofrimento
findará, sem protestos de saudade
na silenciosa cella de um convento.

Ironia talvez, talvez verdade?
Bella, cheia de bello sentimento,
irá trocar o sol por uma grade,
as sensações do ideal por um tormento?

Nome de Santa...Chama-se Maria.
Côr branca, tranças negras, olhar calmo
onde a meiguice em reticencias erra...

Vendo-a, a alma vibra em estos
de harmonia
Seu riso é canto, sua voz é um psalmo...
Parece, enfim, que não pertence á terra.
(A Nota, 1917, nº09).

Com o poema publicado na edição de nº10 da revista A Nota, Maria Sylvia chega à marca de uma dezena de poemas publicados como colaboradora na revista:

X

E. P.

Tenho apenas teu nome na lembrança...
Não te conheço a linha envaidecida.
Mistura de mulher e de criança,
abre as lindas palpebras á vida...

Ri, criação perfeita da esperança!
Bebe, soerguendo a fronte comovida,
a luz que vem de cima, repartida
em branduras triumphaes de coisa mansa...

Estás na idade de ouro da existencia!
O' lyrio humano, espalha os alvos lyrios
do sorriso, do amor e da innocencia...

Elisabeth! A's vezes imagino
que és a união dos sons e dos delirios
de um violoncello, uma harpa e um violino.
(A Nota, 1917, nº10).

Após chegar a marca de uma dezena de poemas publicados na revista, Maria Sylvia segue publicando em seu espaço consolidado como colaboradora. Na edição de nº11, é publicado o poema “XI”:

XI

C.S.

Tens a scintillas da primeira idade...
E, fulgurando ao sol da meninice,
queres deixar os tempos de doidice
pelo lindo fulgor da mocidade...

Como se alguma estrella se partisse,
saem de teu riso, em branda claridade,
alvoradas serenas de bondade
e fugitivos threnos de meiguice...

O encanto dessas quinze primaveras,
que te cercam o marmore da frente,
é um mixto de verdades e chimeras...

E, tão moça, na musica interpretas
vozes de vento, curvas de horizonte,
dores visíveis, sensações secretas...
(A Nota, 1917, nº 11).

Por fim, na edição de nº 12, a última que acessamos da revista amazonense A Nota, temos o poema “XII” de Maria Sylvia:

XII
A. G.

Aos meus olhos, somnabula, appareces...
De branco, braços postos á janella,
és esse encanto azul, que se revela
entre as palavras mysticas das preces...

E vezes ha que ao meu olhar pareces
a seducção de luminosa tela,
em que a imagem de luz, humana e bella,
por entre as tintas se desfaz em mêsses...

Outras vezes... Não sei que mais levante
ao reduzir das rimas encantadas:
se teus labios abertos num descante,

Se tua doce voz, donde rebenta
a harmonia das noites estrelladas,
de que a alma dos poetas se alimenta...
(A Nota, 1917, nº12).

Algo interessante sobre a série de poemas publicados por Maria Sylvia é que todos são dedicados a pessoas específicas, que são identificadas apenas pelas iniciais de seus nomes e sobrenomes. Pelos adjetivos utilizados, e até mesmo pelo próprio uso de nomes femininos ou do uso literal da palavra “mulher” é possível perceber que todos os poemas foram escritos para mulheres. E não poderíamos finalizar as análises aqui feitas sobre escritoras publicadas em periódicos amazonenses de forma melhor: trata-se de uma escritora amazonense que teve espaço fixo para publicação em uma revista local durante pelo menos doze edições da mesma.

E trata-se de uma mulher que escreveu incessantemente sobre outras mulheres, aclamando-as, reverenciando-as e lhes dedicando seus poemas, as suas criações literárias, de forma pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma curta frase em tom humorístico publicada em 1900 no jornal “A Federação: Órgão do Partido Republicano Federal”, resume bem o que se pensava sobre mulheres publicando aquilo que escreviam: “A mulher que escreve para o público comete dois erros: aumentar o número de livros e diminuir o das mulheres. - A. Korr” (A Federação: Órgão do Partido Republicano Federal, 1900, Ed. 733). Trata-se de uma afirmação sarcástica que despreza a necessidade da criação literária, por considerar um erro o aumento do número de livros. E ao mesmo tempo escancara o que se acreditava que as mulheres faziam quando publicavam aquilo que escreviam: se tornavam menos mulheres. Esse é um rico vestígio para entendermos como a publicação de suas criações literárias puderam contribuir para que as mulheres rompessem com papéis sociais de gênero. Se a imersão no mundo das letras, através da ousadia de publicar o que escreviam, as tornava menos “mulher”, foi exatamente isso que essas mulheres fizeram. Se tornaram menos daquilo que se esperava de uma “mulher” - ser mãe e esposa - e mais daquilo que realmente queriam ser: escritoras publicadas.

Após o resgate de tantas dessas escritoras publicadas nas primeiras décadas do século XX em Manaus, podemos reiterar o que disse Perrot (1998) sobre a escrita das mulheres ser uma das primeiras conquistas femininas. Isso porque a escrita feminina foi por muito tempo tolerada por ser suscetível a uma prática doméstica, e isso muda com a possibilidade de publicação. A publicação é uma possibilidade dessas mulheres se lançarem no espaço público. Não há dúvidas, portanto, do potencial emancipatório da escrita feminina e das possibilidades que se abrem através da publicação desses escritos. Lançar-se ao espaço público através de suas criações literárias permitiu que as mulheres subvertessem imposições sociais que lhes empurravam papéis de gênero que as limitava no espaço doméstico. Limitação que nunca foi apenas física, mas também intelectual.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. **Trabalho e emancipação: um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas, 2010.

LEONEL, Vange. **As Sereias da Rive Gauche**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência**. Tradução de Ricardo Augusto Vieira. Cadernos Pagu, 4: 9-28, 1995.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. Tradução de Ângela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Mulheres públicas. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920) Tese de Doutorado em História. São Paulo, PUC-SP, 2001

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. (Org.). Gênero & Imprensa na História do Amazonas. Manaus: EDUA, 2014.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). 3.ed. Manaus: EDUA, 2015.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A Mulher na Imprensa Amazonense, 1900-1950: algumas reflexões. In: **XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento Histórico e diálogo Social**. 2013, Natal/RN. Anais XXVII Simpósio Nacional de História, Natal: Universidade Federal do Rio Grandedo Norte, 2013, p. 1-13. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364739330_ARQUIVO_ArtigoMariaLuizaUgartePinheiroAmulhernaImprensaAmazonense.pdf
Acesso em 28 de Janeiro de 2021.

TAYASSU, Catitu. Escrita Feminina. In: COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2015. p. 208.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

Recebido em: 02/12/2023

Aprovado em: 21/12/2023

Publicado em: 09/04/2024



10.29281/r.decifrar.2023.3a_11